

N.º 216

AURÉLIO DA SILVA FERNANDES

SÔBRE UMA CORRELAÇÃO
ANATÓMICA NOS CRÂNIOS
PORTUGUESES

(ESTUDO OSTEOMÉTRICO)

TESE DE DOUTORAMENTO APRESENTADA
À FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

JUNHO DE 1925

212/3 F77

EMPR. INDUST. GRÁF. DO PÔRTO, L.^{da}
178, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178

SÔBRE UMA CORRELAÇÃO
ANATÓMICA NOS CRÂNIOS
PORTUGUESES

AURÉLIO DA SILVA FERNANDES

SÔBRE UMA CORRELAÇÃO
ANATÓMICA NOS CRÂNIOS
PORTUGUESES
(ESTUDO OSTEOMÉTRICO)

TESE DE DOUTORAMENTO APRESENTADA
À FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

JUNHO DE 1925

EMPR. INDUST. GRÁF. DO PÔRTO, L.^{da}
178, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178

Faculdade de Medicina do Pôrto

DIRECTOR

Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães

SECRETÁRIO

Dr. Hernani Bastos Monteiro

CORPO DOCENTE

Professores Ordinários

Dr. João Lopes da Silva Martins Júnior . .	Higiene
Dr. Alberto Pereira Pinto de Aguiar . . .	Patologia geral
Dr. Carlos Alberto de Lima	Patologia cirúrgica
Dr. Luís de Freitas Viegas.	Dermatologia e Sifilografia
Dr. José Alfredo Mendes de Magalhães . .	Terapêutica geral
Dr. António Joaquim de Souza Júnior. . .	Anatomia patológica
Dr. Tiago Augusto de Almeida	Clínica médica
Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima . . .	Anatomia descritiva
Dr. Álvaro Teixeira Bastos.	Clínica cirúrgica
Dr. António de Souza Magalhães e Lemos .	Psiquiatria
Dr. Manuel Lourenço Gomes	Medicina legal
Dr. Abel de Lima Salazar	Histologia e Embriologia
Dr. António de Almeida Garrett	Pediatria
Dr. Alfredo da Rocha Pereira. ,	Patologia médica
Dr. Carlos Faria Moreira Ramalhão	Bacteriologia e doenças infecciosas
Dr. Hernani Bastos Monteiro	Anatomia cirúrgica
Dr. Manuel António de Moraes Frias . . .	Clínica obstétrica
Vaga	Fisiologia geral e especial
Vaga	Farmacologia
Vaga	Parasitologia e doenças parasitárias.

Professores Jubilados

Dr. Pedro Augusto Dias

Dr. Augusto Henriques de Almeida Brandão

A Faculdade não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação.

(Art. 15.º § 2.º do *Regulamento Privativo da Faculdade de Medicina do Pôrto, de 3 de Janeiro de 1920*).

A MEU PAI

A MINHA MÃE

A MEU IRMÃO

AOS MEUS PARENTES
AMIGOS e CONDÍSCÍPULOS

AO EX.^{mo} SENHOR

PROFESSOR

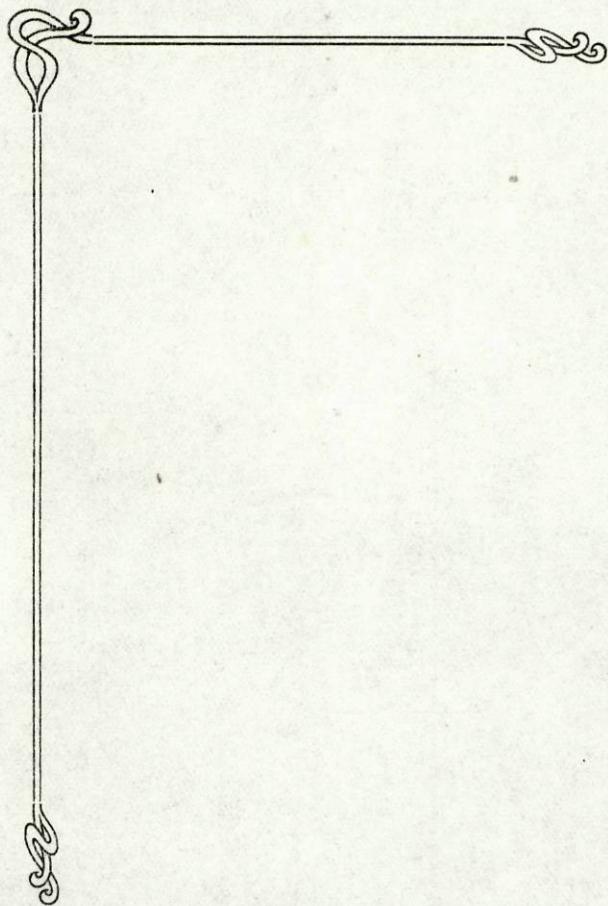
DR. A. A. MENDES CORREIA

AO MEU ILUSTRE
PRESIDENTE DE TESE

EX.^{mo} SENHOR PROFESSOR

DR. J. A. PIRES DE LIMA

Homenagem do aluno reconhecido.



Dada a importância que encerra o estudo das correlações orgânicas, o único caminho, no dizer de CUVIER, pelo qual podemos chegar à apreciação racional do organismo animal, resolvemos averiguar se dois dos índices cranianos—cefálico e do buraco occipital—se encontravam nessa inter-dependência morfológica, ou se, ao contrário, não se influenciando reciprocamente, se individualizavam na sua maior ou menor variabilidade.

Confirmou-se a segunda hipótese.

Contudo êste trabalho não se resume nessa conclusão negativa, pois a par dessa outras afirmamos relativas à variabilidade sexual do indice cefálico e ao valor significativo do outro indice.

Avaliamos medidas, determinamos indices e estabelecemos a correlação com todo o rigor que nos permite o método estatístico da variação.

Utilizei as colecções craniológicas dos Museus de Anatomia e de Antropologia da Universidade do Pôrto, facultadas obsequio-

samente pelos Ex.^{mos} Directores daquelles institutos, Senhores Professores Doutor J. A. Pires de Lima e Doutor Mendes Corrêa.

Cumpre-me ainda, pelo muito que me auxiliaram, fornecendo-me tôdas as indicações necessárias para a elaboração dêste estudo, agradecer aos Ex.^{mos} Senhores Professores Doutores Pires de Lima e Mendes Corrêa, assim como ao muito digno assistente de Antropologia, na Faculdade de Ciências, Senhor Doutor Alfredo Ataíde, e significar-lhes aqui o meu sincero reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Além doutros autores, afirma MARTIN (1) existir absoluta independência de forma entre a abóbada e o buraco occipital, o que equivale a negar a correlação entre os índices cefálico e do *foramen magnum*.

Desta opinião não partilhava BROCA (2), pois deixava-a entrever quando dizia: «tenho feito algumas investigações sôbre as relações que podem existir entre o índice cefálico e o do buraco occipital. De uma maneira muito geral, a-pesar-desta regra sofrer algumas excepções, as séries dolicocefalas têm um índice do buraco occipital um pouco menor que as séries braquicefalas».

Sendo, portanto, um assunto em controvérsia dele nos acercamos, no intuito, senão de o resolver definitivamente, ao menos de contribuir com a nossa opinião para lhe fixar o seu verdadeiro valor.

Relacionam-se, portanto, neste estudo, a abóbada e a base do crânio. Quando digo a base devo fazer a devida restrição, porquanto me ocupo apenas do occipital, ou seja o seu andar posterior.

Vários antropologistas têm abordado o assunto, chegando, por vezes, às mais descontraídas opiniões. Assim é que em face de RANKE, para quem a abóbada craniana determina as modificações da base, encontra-se PAPILLAUT (3) pensando absolutamente ao contrário: «à parte alguns casos patológicos (escafocefalia, por exemplo), a morfologia da base por seu desenvolvimento próprio influencia o resto do edifício ao qual serve de suporte».

O occipital exerce na verdade uma decisiva influência na abóbada craniana não só pelas relações que mantém com os parietais, mas também porque contribui para a sua morfologia com a escama membranosa.

Sendo o occipital um dos ossos que mais variações apresentam, talvez por virtude da sua segmentação embriológica que o faz resultar de numerosos centros de ossificação, natural é admitir a sua repercussão em todo o resto do crânio.

Outro tanto é lícito admitir para os ossos constitutivos da abóbada que, através das suas variações, determinam alterações da base.

LE DOUBLE (4) para explicar tôdas as variações de forma e de extensão do occipital humano e as variações análogas de todos os ossos do crânio, estabelece a lei seguinte: «tanto no crânio como na face todo o espaço livre resultante do atrazo ou da insuficiência de um osso que não atinge os seus limites habituais, é preenchido, ordinariamente, quer pela extensão da ossificação dos ossos vizinhos, quer pela aparição dos centros de ossificação intersticiais (ossos vórmios)».

Se me objectarem que estas considerações dizem respeito a evoluções anómalas, responderei perguntando onde acaba a variação e onde começa a anomalia.

Além dêstes factores intrínsecos, pois residem nos próprios ossos, existem outros a êles estranhos cuja acção modeladora está absolutamente demonstrada.

Sabemos que a abóbada sofre a influência do desenvolvimento cerebral como se modifica também pela acção dos músculos que aí procuram as suas inserções.

O índice cefálico é modificado pela poderosa influência dos músculos da nuca.

O alongamento do crânio por esta circunstância é para A. NYSTRÖM (5) uma consequência do género de vida, das occupaões. Verificou êste autor que nos crânios dolicocefalos as impressões musculares do occipital são muito mais desenvolvidas que nos braquicefalos e correspondem a individuos que pela posição inclinada da cabeça a que os obrigam as suas profissões apresentam um grande desenvolvimento dos músculos da nuca (Lei dinâmica da dolicocefalia).

Quando o poder funcional dêstes se encontra inferiorizado por qualquer circunstância, a relação entre os dois grandes diâmetros altera-se profundamente. Pode-

mos apresentar um dos exemplos que a patologia nos oferece e vem a ser a miopatia primitiva em que os músculos da nuca se encontram seriamente comprometidos. Um doente apresentado por M. MARIE media no seu diâmetro ântero-posterior máximo 166^{mm.}, e no transverso máximo 168^{mm.}, resultando, portanto, um índice cefálico igual a 101,2. M. MARIE e ONANOFF explicam o facto pelo achatamento do occipital, o que arrasta a diminuição do diâmetro ântero-posterior, e daí uma braquicefalia acentuada (6).

Todos êstes factores, criadores e modificadores da forma da abóbada intervêm igualmente na morfogenese do occipital, ou seja a parte mais posterior da base.

Sendo o buraco occipital formado no seu contôrno pelas quatro peças que constituem o occipital cartilágneo, do desenvolvimento destas se explicam, em grande parte, tôdas as modalidades da sua configuração.

O occipital pode ser considerado como um osso misto, pois resulta da fusão de duas partes atingindo o completo desenvolvimento, seguindo processos evolutivos di-

ferentes: uma, a mais dorsal, precedida de um esbôço membranoso, constitue, segundo a designação de SERRANO (7), a escama superior ou o pseudo-occipital, a qual toma o nome de inter-parietal quando se não solda por sinostose à escama inferior; a outra, formada pela junção de quatro peças que pela sua disposição constituem o buraco occipital, resulta da ossificação de um tecido cartilagíneo.

No recém-nascido estas quatro partes conservam-se independentes, vindo a unir-se, com o decorrer do tempo, em momentos sucessivos, cuja cronologia SERRANO (*id.*) estabelece do seguinte modo: «primeiro, funde-se a escama superior à escama inferior vendo-se, à nascença, vestígios apenas da anterior separação; por volta dos dois anos, soldam-se, por sua vez, os occipitais laterais ao superior e só aos sete se une ao resto o occipital basilar, do mesmo modo que se soldam entre si as metades laterais do arco vertebral, de que as peças condilianas são representantes, primeiro que se faça a união do arco ao corpo da vértebra do qual é homólogo o basi-occipital».

Segundo, ainda, a opinião do ilustre anatómico português, a peça basilar constitue menos de um terço do contôrno, a peça condiliana forma mais de um terço, e a escama inferior contribue também em mínima parte para limitar atrás o buraco occipital.

O desenvolvimento dêstes faz-se a partir dos centros de ossificação, a respeito do número dos quais contendem os autores.

Para SERRES (8) o basi-occipital resulta de dois pontos, situados de cada lado da linha mediana. RAMBAULD e RENAULT (9) constatarem dois pontos, sendo um anterior e outro posterior.

G. S. HILAIRE (10) admitia quatro pontos os quais têm a justificá-los a existência de suturas cruciformes em certos basi-occipitais.

FRASSETTO (11) pensa que «futuras pesquisas embriológicas poderão confirmar a hipótese dos quatro centros que, portanto, nós aceitamos, admitindo que os dois centros posteriores formam o bôrdo anterior do buraco e os dois posteriores a porção que resta». É, também, sua opinião, no que diz respeito ao occipital lateral, que para a

maioria dos anatómicos deriva de um só centro, resultar de três. Dêstes, dois formam o bôrdo condiliano anterior e o bôrdo mediano do osso (que limita o buraco occipital), o terceiro forma a porção dilatada e o bordo lateral.

Para o supra-occipital descreve (*id.*) dois núcleos principais situados aos lados da linha média; lateralmente a êstes podem aparecer dois outros que devem ser considerados como centros complementares.

SAPPEY (12) resume em cinco os centros que originam todo o occipital: três medianos e dois laterais.

POIRIER (13), aceitando as conclusões de DEBIERRE, refere um centro para o infra-occipital, talvez primitivamente duplo, um outro para o basi-occipital, para o occipital lateral um único também e, finalmente, para o supra-occipital um só centro, tendo sido duplo primitivamente.

TESTUT (14) descreve cinco centros principais, destacando dentre os acessórios o que origina o ossinho de KERCKRING.

Além destas cinco peças a que nos referimos e que são constantes, distinguem-se

ainda quatro outras assim designadas: preinterparietal, retrointerparietal, presupraoccipital e o nódulo ou, como diz SERRANO (7), ossinho de KERCKRING.

Este último encontra-se sobre o rebordo posterior do buraco occipital, junto da linha média e participa tão activamente na formação dêste que se podem explicar, em função da sua existência ou não existência, tôdas as variedades do seu contôrno. Diz MAGGI (15): um buraco elíptico ou redondo indica a presença dêste nódulo autónomo, soldado aos ossos vizinhos; pelo contrário um buraco occipital semi-elíptico anteriormente e arqueado posteriormente faz pensar na sua ausência, o que pode acontecer com indivíduos da mesma espécie.

Temos ainda a considerar como causas morfogenéticas os órgãos que, pela sua presença e desenvolvimento, atravessam o buraco occipital, os quais vem a ser: o bolbo e os seus envólucros, os dois nervos espinhais, as raízes ascendentes do hipoglosso e as duas artérias vertebraes (14).

MARCEL BAUDOUIN (16), talvez exageradamente, faz dêste conteúdo causa exclu-

siva, suficiente para explicar as dimensões do buraco occipital, que a seu ver são regidas pelas dimensões do bolbo e sobretudo pelo das amígdalas cerebelosas.

Considerando que o volume do bolbo é quasi constante e o que varia são as dimensões das amígdalas descendo mais ou menos no canal raquidiano por detrás do bolbo, supõe que o maior ou menor alongamento do buraco occipital por essa circunstância se explica.

Tem-se assinalado o alargamento em crânios de velhos, porém, diz POIRIER (13) nunca o ter notado, o que mostra ser secundária a influência da idade.

Do que fica dito se pode concluir que o edificio craniano no seu aspecto morfológico é modelado por um determinismo que resulta de vários factores, quer de ordem endocraniana, quer de ordem exocraniana, quer ainda de ordem intrínseca, como é pela sua potencialidade plástica o processo de ossificação e crescimento dos ossos.

Ao mesmo tempo que negamos um poder morfogenético exclusivo à base ou à abóbada cranianas, devemos acrescentar que

nada existe tendente a justificar, por uma inter-acção nas fôrças modeladoras, a dependência da forma do buraco occipital em relação à forma geral da abóbada.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo que apresento, simples esboço craniométrico, é baseado sôbre elementos resultantes da mensuração de 154 crânios de indivíduos contemporâneos, originários na sua maioria das províncias do Norte de Portugal.

Pertencem 66, sendo 36 masculinos e 30 femininos, ao Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto, e ao Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências da mesma Universidade os restantes 88, dos quais 43 são masculinos e 45 femininos.

Os valores métricos obtidos directamente

pela mensuração representam medidas lineares, a partir dos quais se estabeleceram os índices.

A técnica na avaliação destas medidas encontra-se descrita por FRASSETTO no seu livro *LEZIONI DI ANTHROPOLOGIA*.

MEDIDAS LINEARES

Diâmetros	}	ântero-posterior máximo
		transverso máximo.
Comprimento do buraco occipital.		
Largura do buraco occipital.		

O diâmetro ântero-posterior máximo obtém-se apoiando uma das extremidades do compasso de espessura sôbre a glabela, ao mesmo tempo que procuramos com a outra extremidade a parte mais saliente do occipital. Apontam a êste diâmetro o defeito de ser influenciado pela saliência glabelar, assim como o inconveniente de nada ilucidar sôbre a região frontal.

Disso resulta a sua limitada significação, o que não é de estranhar, pois seria impossível em função de uma só dimensão definir uma superfície ou, muito menos, um volume.

O diâmetro transverso máximo avalia-se deslizando simultaneamente as duas pontas do compasso de modo a conservarem-se no mesmo plano horizontal, e que o eixo não abandone o plano sagital, até encontrar a largura máxima, tendo o cuidado de não ultrapassar, inferiormente, a escama temporal.

FRASSETTO (17) aconselha a deslocar as pontas do compasso de maneira a descreverem linhas em zig-zag, para que o diâmetro seja pronta e correctamente encontrado.

O valor deste diâmetro é diminuído pelo facto de se encontrar em pontos muito variáveis justamente porque não obedece a referências anatómicas.

Nos crânios braquicéfalos localiza-se mais anteriormente que nos doliocéfalos, caindo nestes, muitas vezes, fora da zona de inserção dos temporais, circunstância importante quando se mede a cabeça no vivo (HOUZÉ) (18).

É considerado um diâmetro cerebral quando correspondente a um nível elevado, porque representa o afastamento dos parie-

tais sob a influência do cérebro; porém medido inferiormente, sobre a escama temporal por exemplo, representa uma dimensão da base (*id.*).

As dimensões do buraco occipital determinam-se utilizando um compasso de cordedica.

Para isso, fixa-se o occipital de base voltada para cima e assentam-se as extremidades do compasso sobre o rebordo do buraco, segundo o plano sagital, tendo como pontos de referência o *basion* e o *opistion*: avaliamos assim o comprimento.

Para a largura procede-se análogamente considerando o *eurion kondilion* como ponto de referência.

Quanto a rigor de mensuração êstes dois diâmetros são avaliados com exactidão, sem diferenças a subtrair, o que não acontece com os anteriores.

ÍNDICES

Com as medidas citadas calculei o índice cefálico e o do buraco occipital.

Foi BROCA quem criou a designação do

índice cefálico; todavia já RETZIUS o tinha estabelecido em relação milesimal e a partir dele apresentou uma classificação dicotômica baseada na dolicocefalia e braquicefalia (19).

Sendo vagas e imprecisas estas designações, BROCA estabeleceu-lhes limites e criou um terceiro grupo intermédio compreendido entre 77,78 e 80 a que chamou mesaticéfalo. É um índice de grande importância e significação étnica, atendendo a que é dos mais constantes e mais bem fixados pela hereditariedade.

Contudo tem modernamente sofrido rudes ataques porque se tem demonstrado a existência de crânios longos com índices braquicéfalos, assim como a crânios largos corresponderem índices dolicocefalos.

SERGI põe-no de parte baseando a sua classificação, puramente descritiva, na semelhança com as formas geométricas.

A-pesar-de tudo quando «empregado duma maneira rigorosa e científica fornece úteis ensinamentos e permite classificar crânios numa raça determinada», é esta a opinião de PAUL BONCOURT (18).

Podemos dizer àcerca das variações segundo o sexo que êste índice nenhuma indicação fornece, não chegando nos nossos resultados a atingir uma unidade, limite máximo da oscilação sexual geralmente fixado.

Foi ainda BROCA quem primeiro, estabelecendo a relação entre os seus diâmetros, encontrou um valor numérico a que deu o nome de índice do buraco occipital (2).

Foi então que encontrou nos crânios vasconços de G... (Guiposcôa) a média de 84,88 e nos de SAINT-JEAN-DE-LUZ 87,12.

A muito poucos antropologistas êle merece a atenção de ser citado e é pela maioria esquecido,—circunstâncias estas que tornam escassa a sua bibliografia—e por vezes é-lhe negada por carecer de valor significativo, a menor utilidade.

MARCEL BAUDOIN considerando que êle varia de 60 a 80, variabilidade encontrada numa série de 8 crânios, entende por êsse motivo que o índice não possui valor algum, porquanto a sua média é destituída de tôda a significação estatística (16).

Outro tanto não dizemos nós, e com mais

fundamento (em vez de 8, medimos 154), em face dos resultados obtidos.

A variabilidade não é excessivamente grande, a média e a mediana quási se correspondem e ainda acresce a circunstância de se aproximarem do máximo de frequência.

O índice médio do buraco occipital é um pouco menor no crânio feminino, contudo nas nossas séries a diferença não atinge uma unidade.

RESULTADOS OBTIDOS

Destina-se êste capítulo à exposição dos elementos estatísticos obtidos.

Começarei por apresentar os que dizem respeito às medidas lineares e em seguida os que são relativos aos índices, terminando por mostrar o grau de correlação determinado.

As tabelas, que se encontram no fim do livro, contêm os resultados individuais e são, porisso mesmo, o complemento dêste capítulo.

MEDIDAS LINEARES

Diâmetro ântero-posterior máximo

	Masc.	Fem.
Média	183,53 \pm 0,48	178,06 \pm 0,50
Máximo	196	195
Mínimo	166	160
Desvio padrão	6,37 \pm 0,34	6,97 \pm 0,35
Diferença sexual.		5,47 \pm 0,69

A média obtida por FERRAZ DE MACEDO (19) em crânios masculinos portugueses é de 184,99. Nota-se uma diferença sexual um tanto pronunciada, talvez ligada às dimensões gerais do corpo.

Procurando na tabela estatística apresentada por MARTIN (1) os valores que mais se aproximam destes, encontramos 183 para os Espanhois e 178 para as Guanches.

Diâmetro transverso máximo

	Masc.	Fem.
Média	136,22 \pm 0,38	133,37 \pm 0,37
Máximo	150	149
Mínimo	122	123
Desvio padrão	4,98 \pm 0,26	4,86 \pm 0,26
Diferença sexual.		2,85 \pm 0,53

FERRAZ DE MACEDO determinou como média masculina 137,75. EDUARDO VALENÇA (20) encontrou médias sensivelmente iguais a estas que eu apresento como se pode vêr: 136,27 e 133,23.

A diferença sexual existente, aliás apreciável, deve resultar, como na medida linear anterior, das dimensões gerais do corpo.

As médias masculina e feminina aproximam-se das dos Bochimanes e Espanhois.

ÍNDICES

Índice cefálico

	Masc.	Fem.
Média	74,29 ± 0,29	74,93 ± 0,16
Máximo.	85,7	82,5
Mínimo	66,3	67,2
Desvio padrão	3,95 ± 0,21	2,93 ± 0,11
Diferença sexual.		0,64 ± 0,33
Diferença dos desvios padrões		1,02 ± 0,23

A média masculina deste índice calculada por FERRAZ DE MACEDO é de 74,46.

ÁLVARO BASTO (21) encontrou como média masculina portuguesa 74,50 e feminina 77,50.

Notam-se, pelo confronto dos valores médios dêste índice aplicado aos crânios portugueses, pequeníssimas diferenças que não ultrapassam dois décimos.

Nas médias citadas por BONCOUR os Espanhois apresentam-se muito próximo dos Portugueses.

Êstes valores encontrados fazem que o crânio dos Portugueses enquadre na dolicocefalia.

Podemos vêr pelo agrupamento, que nós fazemos adoptando a classificação de DENIKER, o predomínio dos dolicocefalos, sendo mínima a percentagem dos que ultrapassam a mesocefalia:

Hiperdolicocefalos	9,1	por	cento
Dolicocefalos	42,2	»	»
Subdolicocefalos	31,8	»	»
Mesocéfalos	10,4	»	»
Subbraquicéfalos	5,2	»	»
Braquicéfalos	0,65	»	»
Hiperbraquicéfalos	0,65	»	»
Ultrabraquicéfalos	—		

Pelo facto da distribuição ser sensivelmente a mesma em ambos os sexos fizemos um agrupamento comum.

A diferença sexual encontrada não é significativa, pois sendo 0,64 tem um erro provável igual a $\pm 0,31$.

Outro tanto não sucede com a diferença dos desvios padrões ou seja a variabilidade do índice segundo o sexo, posta em evidência pelo erro provável da diferença.

Averiguamos pois uma maior variabilidade do índice cefálico nos crânios masculinos.

FRASSETTO (22) num estudo sôbre a variabilidade do crânio, avaliando a forma dêste não pelo índice cefálico mas segundo o método de SERGI, afirma que o crânio masculino varia mais que o crânio feminino. É portanto uma conclusão que se verifica nos crânios portugueses.

Índice do buraco occipital

	Masc.	Fem.
Média	85,61 \pm 0,42	84,74 \pm 0,44
Máximo	100	100
Mínimo	71,1	72,2
Desvio padrão	5,57 \pm 0,29	5,71 \pm 0,31
Diferença sexual		0,87 \pm 0,60
Diferença dos desvios padrões		0,14 \pm 0,42

Comparando a nossa média masculina com a determinada por FERRAZ DE MACEDO que é 85,84 nota-se que a diferença é insignificante.

Dos povos cujo índice mais se aproxima dos nossos citarei os Suíços (85,1) e as Badenses (84,7).

Para o agrupamento dos crânios segundo o valor d'êste índice seguimos os limites estabelecidos por P. BONCOUR (18).

É microsema até 81,99, mesosema desde 81 até 85,99 e megasema acima de 86.

As médias que calculamos são de crânios mesosemas, próximos do limite máximo.

De resto só confirmamos os resultados já obtidos nos crânios portugueses.

Num dos seus livros diz o Prof. MENDES CORRÊA (23) que o tipo médio actual português, relativamente ao buraco occipital é *mesosema* (quási *megasema*).

Atendendo a que a distribuição é muito semelhante nos dois sexos fizemos o agrupamento em comum.

Microsemas	26,6	por	cento
Mesosemas	24,3	»	»
Megasemas	48,9	»	»

Predominam os megasemas cujo número é quasi metade do total, sendo a outra metade igualmente distribuída pelos microsemas e megasemas.

CORRELAÇÃO

Tendo nós já feito, no primeiro capítulo, algumas considerações sôbre a possibilidade desta correlação, citado a opinião de alguns antropologistas e concluído que nada se encontrava de molde a justifica-la, aqui apenas registaremos os resultados a que chegamos.

Construimos, para isso, as tabuas de correlação (vêr adiante) e determinámos os coeficientes seguintes:

Masculinos	$r = 0,18 \pm 0,07$
Femininos	$r = 0,19 \pm 0,07$

Como se vê por êstes valores, não existe o menor grau de correlação, o que vem confirmar, aplicada aos crânios portugueses, a maneira de vêr de MARTIN (1). Não deixarei de registrar que a média do índice do buraco occipital que calculei em 13 crânios

braquioides portugueses, 11 dos quais masculinos, cujas medidas são fornecidas pelo senhor prof. MENDES CORRÊA (24) num estudo sôbre a braquicefalia em Portugal, é de 85,62, isto é, praticamente igual àquela que cheguei na minha série masculina.

É uma cabal confirmação da independência do índice cefálico e do buraco occipital, ou seja da falta de uma relação entre o contôrno horisontal da abóbada craniana e o do buraco occipital.

TÁBUA DE CORRELAÇÃO ENTRE O ÍNDICE CEFÁLICO E O ÍNDICE DO BURACO OCCIPITAL

CRÂNIOS FEMININOS

Índice cefálico

	<i>Índice cefálico</i>																																			
	67-68	68-69	69-70	70-71	71-72	72-73	73-74	74-75	75-76	76-77	77-78	78-79	79-80	80-81	81-82	82-83	83-84	84-85	85-86	86-87	87-88	88-89	89-90	90-91	91-92	92-93	93-94	94-95	95-96	96-97	97-98	98-99	99-100			
72-73						1 ₂₄			1 ₁₂																										2	
73-74					1 ₃₃		1 ₁₁	1																											3	
74-75									1 ₁₀																										1	
75-76																																				
76-77																																	1 ₅₆		1	
77-78	1 ₄₉					1 ₂₁	1 ₁₄																											3		
78-79				1 ₃₀																													2 ₁₆		3	
79-80								1 ₅																								1 ₁₅		2		
80-81								2 ₈																										2	4	
81-82				1 ₁₈	1 ₁₅																														3	
82-83																																		1 ₁₄	3	
83-84								2 ₂																											6	
84-85																																			3	
85-86								1 ₂	1 ₁																									1 ₈	6	
86-87																																			7	
87-88								1 ₆																											5	
88-89																																			5	
89-90																																			6	
90-91																																			4	
91-92																																			3	
92-93																																			3	
93-94																																			1	
94-95																																			2	
95-96																																				
96-97																																				
97-98																																				
98-99																																				
99-100																																				1
																																				75

$r = 0,1883 \pm 0,07$

CONCLUSÕES

O índice cefálico por mim encontrado no tipo médio dos habitantes das províncias do norte de Portugal é 74,29 para o sexo masculino e 74,93, para o feminino, valores que se identificam com as médias já determinadas por FERRAZ DE MACEDO e ÁLVARO BASTO.

É portanto, um crânio nitidamente dolicocefalo.

«É muito possível, diz o Sr. Professor MENDES CORRÊA, que os limites da variação individual duma população de crânio alongado atinjam as fronteiras de braquicefalia» (25). Porém nas séries que medi-

mos, o índice cefálico mal ultrapassa a mesaticefalia. Verificámos também, relativamente a êste índice, a sua maior variabilidade nos crânios masculinos, facto ainda não assinalado em estudos portugueses.

As médias que determinámos, do índice do buraco occipital—85,61 masc. e 84,74 fem.—coincidem, á parte pequeníssimas diferenças, com as que calculou FERRAZ DE MACEDO.

Êstes valores colocam o crânio português no limite superior da mesosemia.

Esta pequena contribuição, em que determinei dois dos índices cranianos, em nada desmente, mas tão sòmente corrobora estudos já realizados sòbre êles e muitos outros, os quais levaram o sr. prof. MENDES CORRÊA (26) a dizer:

«Dados os caracteres métricos e descritivos, nêles se reconhece o padrão mediterrâneo, admitindo-se porêem variantes que resultam de influências entre as quais não é difficil reconhecer pelo exame de alguns exemplares discordantes a do elemento nórdico e a de braquioides».

Para finalizar afirmaremos, em última

conclusão, que não existe correlação alguma entre os dois índices que avaliámos.

Este resultado negativo, que de resto já fora previsto, vem mostrar a independência entre o contôrno horizontal da abóbada e a forma do buraco occipital de tal modo que para o estudo do crânio não é possível prescindir dos dois elementos, que são separadamente significativos. Isto não quer dizer que em muitos casos dêstes se não observem correlações estreitas das quais a anatomia e a antrópologia se não podem desinteressar.

VISTO

Pires de Lima

PRESIDENTE

PODEM IMPRIMIR

Alfredo de Magalhães

DIRECTOR

RESULTADOS INDIVIDUAIS

ABREVIATURAS

Diâmetros

Antero-posterior máximo	D. A. P. M.
Transverso máximo . . .	D. T. M.
Comprimento do buraco occipital	C.
Largura do buraco occi- pital	L.

Índices

Cefálico	I. C.
Do buraco occipital. . .	I. O.

QUADRO I

CRANIOS MASCULINOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANATOMIA

100	101	102	103	104	105	106	107
108	109	110	111	112	113	114	115
116	117	118	119	120	121	122	123
124	125	126	127	128	129	130	131
132	133	134	135	136	137	138	139
140	141	142	143	144	145	146	147
148	149	150	151	152	153	154	155
156	157	158	159	160	161	162	163
164	165	166	167	168	169	170	171
172	173	174	175	176	177	178	179
180	181	182	183	184	185	186	187
188	189	190	191	192	193	194	195
196	197	198	199	200	201	202	203
204	205	206	207	208	209	210	211
212	213	214	215	216	217	218	219
220	221	222	223	224	225	226	227
228	229	230	231	232	233	234	235
236	237	238	239	240	241	242	243
244	245	246	247	248	249	250	251
252	253	254	255	256	257	258	259
260	261	262	263	264	265	266	267
268	269	270	271	272	273	274	275
276	277	278	279	280	281	282	283
284	285	286	287	288	289	290	291
292	293	294	295	296	297	298	299
300	301	302	303	304	305	306	307
308	309	310	311	312	313	314	315
316	317	318	319	320	321	322	323
324	325	326	327	328	329	330	331
332	333	334	335	336	337	338	339
340	341	342	343	344	345	346	347
348	349	350	351	352	353	354	355
356	357	358	359	360	361	362	363
364	365	366	367	368	369	370	371
372	373	374	375	376	377	378	379
380	381	382	383	384	385	386	387
388	389	390	391	392	393	394	395
396	397	398	399	400	401	402	403
404	405	406	407	408	409	410	411
412	413	414	415	416	417	418	419
420	421	422	423	424	425	426	427
428	429	430	431	432	433	434	435
436	437	438	439	440	441	442	443
444	445	446	447	448	449	450	451
452	453	454	455	456	457	458	459
460	461	462	463	464	465	466	467
468	469	470	471	472	473	474	475
476	477	478	479	480	481	482	483
484	485	486	487	488	489	490	491
492	493	494	495	496	497	498	499
500	501	502	503	504	505	506	507
508	509	510	511	512	513	514	515
516	517	518	519	520	521	522	523
524	525	526	527	528	529	530	531
532	533	534	535	536	537	538	539
540	541	542	543	544	545	546	547
548	549	550	551	552	553	554	555
556	557	558	559	560	561	562	563
564	565	566	567	568	569	570	571
572	573	574	575	576	577	578	579
580	581	582	583	584	585	586	587
588	589	590	591	592	593	594	595
596	597	598	599	600	601	602	603
604	605	606	607	608	609	610	611
612	613	614	615	616	617	618	619
620	621	622	623	624	625	626	627
628	629	630	631	632	633	634	635
636	637	638	639	640	641	642	643
644	645	646	647	648	649	650	651
652	653	654	655	656	657	658	659
660	661	662	663	664	665	666	667
668	669	670	671	672	673	674	675
676	677	678	679	680	681	682	683
684	685	686	687	688	689	690	691
692	693	694	695	696	697	698	699
700	701	702	703	704	705	706	707
708	709	710	711	712	713	714	715
716	717	718	719	720	721	722	723
724	725	726	727	728	729	730	731
732	733	734	735	736	737	738	739
740	741	742	743	744	745	746	747
748	749	750	751	752	753	754	755
756	757	758	759	760	761	762	763
764	765	766	767	768	769	770	771
772	773	774	775	776	777	778	779
780	781	782	783	784	785	786	787
788	789	790	791	792	793	794	795
796	797	798	799	800	801	802	803
804	805	806	807	808	809	810	811
812	813	814	815	816	817	818	819
820	821	822	823	824	825	826	827
828	829	830	831	832	833	834	835
836	837	838	839	840	841	842	843
844	845	846	847	848	849	850	851
852	853	854	855	856	857	858	859
860	861	862	863	864	865	866	867
868	869	870	871	872	873	874	875
876	877	878	879	880	881	882	883
884	885	886	887	888	889	890	891
892	893	894	895	896	897	898	899
900	901	902	903	904	905	906	907
908	909	910	911	912	913	914	915
916	917	918	919	920	921	922	923
924	925	926	927	928	929	930	931
932	933	934	935	936	937	938	939
940	941	942	943	944	945	946	947
948	949	950	951	952	953	954	955
956	957	958	959	960	961	962	963
964	965	966	967	968	969	970	971
972	973	974	975	976	977	978	979
980	981	982	983	984	985	986	987
988	989	990	991	992	993	994	995
996	997	998	999	1000	1001	1002	1003
1004	1005	1006	1007	1008	1009	1010	1011
1012	1013	1014	1015	1016	1017	1018	1019
1020	1021	1022	1023	1024	1025	1026	1027
1028	1029	1030	1031	1032	1033	1034	1035
1036	1037	1038	1039	1040	1041	1042	1043
1044	1045	1046	1047	1048	1049	1050	1051
1052	1053	1054	1055	1056	1057	1058	1059
1060	1061	1062	1063	1064	1065	1066	1067
1068	1069	1070	1071	1072	1073	1074	1075
1076	1077	1078	1079	1080	1081	1082	1083
1084	1085	1086	1087	1088	1089	1090	1091
1092	1093	1094	1095	1096	1097	1098	1099
1100	1101	1102	1103	1104	1105	1106	1107
1108	1109	1110	1111	1112	1113	1114	1115
1116	1117	1118	1119	1120	1121	1122	1123
1124	1125	1126	1127	1128	1129	1130	1131
1132	1133	1134	1135	1136	1137	1138	1139
1140	1141	1142	1143	1144	1145	1146	1147
1148	1149	1150	1151	1152	1153	1154	1155
1156	1157	1158	1159	1160	1161	1162	1163
1164	1165	1166	1167	1168	1169	1170	1171
1172	1173	1174	1175	1176	1177	1178	1179
1180	1181	1182	1183	1184	1185	1186	1187
1188	1189	1190	1191	1192	1193	1194	1195
1196	1197	1198	1199	1200	1201	1202	1203
1204	1205	1206	1207	1208	1209	1210	1211
1212	1213	1214	1215	1216	1217	1218	1219
1220	1221	1222	1223	1224	1225	1226	1227
1228	1229	1230	1231	1232	1233	1234	1235
1236	1237	1238	1239	1240	1241	1242	1243
1244	1245	1246	1247	1248	1249	1250	1251
1252	1253	1254	1255	1256	1257	1258	1259
1260	1261	1262	1263	1264	1265	1266	1267
1268	1269	1270	1271	1272	1273	1274	1275
1276	1277	1278	1279	1280	1281	1282	1283
1284	1285	1286	1287	1288	1289	1290	1291
1292	1293	1294	1295	1296	1297	1298	1299
1300	1301	1302	1303	1304	1305	1306	1307
1308	1309	1310	1311	1312	1313	1314	1315
1316	1317	1318	1319	1320	1321	1322	1323
1324	1325	1326	1327	1328	1329	1330	1331
1332	1333	1334	1335	1336	1337	1338	1339
1340	1341	1342	1343	1344	1345	1346	1347
1348	1349	1350	1351	1352	1353	1354	1355
1356	1357	1358	1359	1360	1361	1362	1363
1364	1365	1366	1367	1368	1369	1370	1371
1372	1373	1374	1375	1376	1377	1378	1379
1380	1381	1382	1383	1384	1385	1386	1387
1388	1389	1390	1391	1392	1393	1394	1395
1396	1397	1398	1399	1400	1401	1402	1403
1404	1405	1406	1407	1408	1409	1410	1411
1412	1413	1414	1415	1416	1417	1418	1419
1420	1421	1422	1423	1424	1425	1426	1427
1428	1429	1430	1431	1432	1433	1434	1435
1436	1437	1438	1439	1440	1441	1442	1443
1444	1445	1446	1447	1448	1449	1450	1451
1452	1453	1454	1455	1456	1457	1458	1459
1460	1461	1462	1463	1464	1465	1466	1467
1468	1469	1470	1471	1472	1473	1474	1475
1476							

CRÂNIOS MASCULINOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANATOMIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	I. O.
27	180	122	32	28	67,8	85,9
37	179	128	33	26	71	78,8
40	189	130	39	31	68,8	79,5
41	187	137	35	31	72,3	87,1
43	181	134	30	29	74	98,3
44	189	141	35	30	74,6	87
47	181	140	35	32	77,3	91,4
48	187	133	40	32	71,1	83,5
49	187	145	31	29	75,4	90,3
55	182	123	37	33	67,6	89,2
59	178	128	38	31	71,9	82,7
61	191	132	29	25	69,1	86,2
63	180	142	34	28	78,9	83,6
64	177	150	32	32	84,7	100
66	190	138	38	28	72,6	73,7
67	183	128	37	29	69,9	78,4
68	184	143	36	32	77,7	88,9
75	180	137	35	29	76,1	84,1

CRÂNIOS MASCULINOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANATOMIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	I. O.
77	183	145	39	33	79,2	84,4
80	178	139	38	32	78,1	85,3
81	183	140	33	29	76,5	89,2
83	192	136	39	32	70,8	82,1
84	194	143	36	33	73,7	90,3
86	173	137	35	31	79,2	88,6
93	177	137	36	31	77,4	86,1
96	178	131	35	27	73,6	77,1
102	185	145	38	30	78,4	78,9
167	190	139	36	33	73,2	90,3
172	180	132	35	34	73,3	97,1
173	193	137	40	32	79,8	80
176	175	150	37	33	85,7	89,2
178	194	133	36	28	68,6	77,8
179	176	130	32	29	73,9	90,6
184	191	130	36	27	68,1	75
187	181	128	37	31	70,7	84,9
197	184	136	36	29	73,9	80,6

QUADRO II

CRANIOS MASCULINOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CRÂNIOS MASCULINOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	I. O.
10	188	132	36	32	70	88,9
11	167	134	33	29	80,2	87,9
13	186	142	34	34	76,3	100
23	180	134	36	30	74,4	83,3
25	189	138	35	29	72,5	82,9
29	196	131	33	28	66,8	84,2
37	180	135	35	30	75	87
38	187	131	37	31	70,5	83,8
39	181	142	34	28	78,5	82,4
40	191	144	34	29	75,4	86,5
41	184	141	36	29	76,6	80,6
42	178	137	34	32	77	94,1
44	185	131	33	28	70,8	84,9
50	193	140	37	31	72,5	83,8
51	186	137	37	28	73,7	76,7
55	186	130	38	33	69,9	86,7
59	190	135	36	31	71,1	86,1
60	183	139	34	28	76	80,9
61	181	133	37	32	73,5	86,3
63	180	140	35	29	77,8	82,9
64	168	137	34	30	81,5	88,2
65	182	135	35	32	74,2	91,4

CRÂNIOS MASCULINOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	I. O.
66	185	134	37	31	72,4	82,4
67	175	135	35	30	77,1	87
71	181	130	37	34	71,9	91,9
73	181	146	36	31	80,7	86,1
74	175	141	38	31	80,6	81,6
75	181	137	38	27	75,7	71,1
77	193	135	35	32	69,9	91,4
78	196	140	39	33	71,4	84,6
83	188	135	38	34	71,8	81,6
86	180	135	36	33	75	93,1
96	186	137	30	28	73,7	94,9
100	174	139	37	29	79,9	78,4
102	189	139	35	32	73,5	91,4
106	189	134	42	33	70,9	78,6
114	189	134	33	30	70,9	91
115	166	132	41	34	79,5	82,9
116	177	135	33	29	76,3	86,6
118	180	128	33	27	71,1	80,3
122	192	139	34	31	72,4	91,3
124	185	142	39	35	76,8	89,7
125	184	137	33	28	74,5	83,6

QUADRO III

CRANIOS FEMININOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANATOMIA

CRÂNIOS FEMININOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANATOMIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	I. O.
1	182	137	34,5	30	75,3	87
20	178	129	29	25,5	72,5	77,6
23	181	140	39	32	77,3	83,1
28	193	145	34	32	75,1	94,1
29	172	129	36	31	75	86,1
38	169	129	32	30	76,3	72,2
39	179	135	33	30	75,4	90,9
42	176	132	33	30	75	92,3
46	174	135	34	31	77,6	91,1
56	168	127	34	28	75,6	81,6
62	173	133	34	29	76	85,3
65	184	137	39	29	77,5	74
69	177	134	35	31	75,7	87,1
70	180	135	34	29	75	85,3
71	171	135	32	27	78,9	85,7

CRÂNIOS FEMININOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANATOMIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	I. O.
76	183	149	36	28	81,4	76,4
79	188	141	34	31	75	91,2
82	178	141	37	32	79,2	87,7
85	181	132	33	29	72,9	88,9
88	176	136	32	29	77,3	90,6
90	190	138	33	28	72,6	84,8
95	187	135	31	31	72,2	100
98	175	130	31	25	74,3	80,6
101	178	130	36	30	73	83,3
103	181	136	36	26	75,1	72,2
166	183	133	36	30	72,7	83,3
171	180	136	38	31	75,6	82,6
205	183	139	34	30	76	88,2
277	167	136	39	32	81,7	82,1
278	171	132	35	30	77,2	84,3

QUADRO IV

CRANIOS FEMININOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

CRÂNIOS FEMININOS
MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	I. O.
1	173	130	32	30	75,1	93,8
2	173	124	34	27	71,7	77,9
5	176	130	37	27	73,9	73,5
8	176	130	36	31	73,9	84,7
9	174	133	35	30	76,4	84
14	175	130	34	28	74,3	80,9
15	169	131	37	29	75,5	78,4
16	160	132	33	30	82,5	89,4
17	182	138	36	31	75,8	87,3
18	163	134	34	29	82,2	85,3
19	180	132	37	33	73,3	89,2
21	170	126	30	27	74,1	90
22	195	145	36	31	74,4	86,1
24	185	126	35	28	68,1	81,2
26	177	132	36	32	74,5	88,9
27	178	134	37	31	75,3	81,9
30	178	138	36	28	77,5	78,9
35	171	127	34	28	74,3	82,4
36	179	131	33	26	73,2	80
45	170	127	30	36	74,7	86,7
46	181	134	30	25	74,3	83,3
48	182	127	38	30	69,8	78,9
52	176	132	36	31	75	86,1

CRÂNIOS FEMININOS

MUSEU DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

N.º dos crânios	D. A. P. M.	D. T. M.	C.	L.	I. C.	i. O.
53	179	136	40	30	76	74,7
68	190	130	35	31	70	88,6
70	190	136	37	32	71,6	86,5
79	170	123	33	26	72,4	72,2
80	172	130	35	33	75,6	94,3
81	173	134	32	29	77,5	89,1
82	168	129	36	31	76,8	87,3
87	173	136	33	29	78,7	87,9
88	176	133	34	30	75,6	88,2
90	178	131	35	30	73,6	85,7
94	189	127	33	26	67,2	77,9
97	179	137	35	32	76,6	92,8
98	192	134	33	27	69,8	81,8
99	187	141	38	34	75,4	90,7
104	175	134	34	30	76,6	86,8
105	173	137	33	29	79,2	88,7
108	173	106	36	29	72,8	80,6
110	180	131	35	33	72,8	80,5
112	182	132	35	30	72,5	85,5
113	182	128	35	32	70,4	91,4
117	180	140	40	32	77,8	80
121	190	135	33	31	71,1	73,9

BIBLIOGRAFIA

- (1) R. MARTIN—Lehrbuch der Anthropologie—Viena, 1914.
- (2) BROCA—Crânes basques de Saint-Jean-de-Luz. Bulletins de la Société d'Anthopologie—1868.
- (3) G. PAPILLAULT—Etude morphologique de la base du crâne. B. de la Société d'Anthropologie—1898.
- (4) L. DOUBLE—Variations des os du crâne de l'homme—Paris, 1902.
- (5) A. NYSTRÖM—Les variations de la forme du crâne et leurs causes. L'Anthropologie—1902.
- (6) FELIX REGNAULT—Variations de

l'indice cephalique sous l'influence du milieu. Bulletins de la Société d'Anthropologie, 1901.

- (7) J. A. SERRANO — Tratado de osteologia humana — Lisboa, 1895.
- (8) SERRES — Anatomia transcendent — Paris, 1832.
- (9) PAUL TOPINARD — Elements d'anthropologie — Paris, 1885.
- (10) G. SAINT HILAIRE — Philosophie, anatomique — Paris, 1822.
- (11) FRASSETTO — Origine et development des os du crane chez l'homme et chez les mamifères en general. Extrait des Comptes Rendus de la Société des Sciences de Varsovia 1914-VII anné. Fasciculo 6 — Warszawa, 1916.
- (12) PH. C. SAPPEY — Traité d'anatomie descriptive — Paris, 1876.
- (13) P. POIRIER — A. Charpy — Traité d'anatomie humaine — Paris, 1911.
- (14) L. TESTUT — Traité d'anatomie humaine — Paris, 1911.
- (15) L. MAGGI — Autres resultats de recherches morphologique sur des os

crâniens et crânio-faciaux et sur des fontanelles de l'homme et d'autres mammifères. Archives Italiennes de Biologie. Tomo 30—Paris, 1898.

- (16) MARCEL BAUDOUIN — Descriptions anatomiques des neuf crânes de la station gallo-romaine des Chaumes en Saint Hilaire de Riez, B. de la Société d'Anthropologie—1912.
- (17) FRASSETTO—Lezioni de Anthropologie—Volume 2.^o, parte 1.^a—1911.
- (18) P. BONCOUR — Anthropologie anatomique—Paris, 1912.
- (19) FERRAZ DE MACEDO — Crime et Criminel—Lisboa, 1892.
- (20) EDUARDO VALENÇA—A fronte nos Portugueses—Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto—1925.
- (21) ÁLVARO BASTO—Indices cephálicos dos Portugueses—Instituto—Coimbra, 1897.
- (22) FRASSETTO—La variabilità del cranio umano col metodo quantitativo

- statistico di Camerano et col metodo Sergi, L'Anthropologie — 1903.
- (23) MENDES CORRÊA — Os povos primitivos da Lusitânia — Pôrto, 1924.
- (24) MENDES CORRÊA — Estudos de Etnogenia Portuguesa. Crânios baquicéfalos. A. S. da Faculdade de Medicina do Pôrto. Vol. IV, n.º 12.
- (25) MENDES CORRÊA — O metopismo e a evolução das formas cranianas. Portugal Médico — 1919.
- (26) MENDES CORRÊA — Notas craniográficas e as pretendidas sobrevivências neanderthaloides nas provincias do norte de Portugal. A. S. da Faculdade de Medicina do Pôrto. Vol. IV, n.º 3.

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA EMP. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÔRTO, L.DA,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 8 DE JUNHO DE 1925.